



**SOU
UM DIA EM
NOITE ESCURA**

CENTENÁRIO DE AGOSTINHO NETO (1922-2022)

ORGANIZAÇÃO DE FRANCISCO TOPA

AN
CÁTEDRA
AGOSTINHO NETO



Sou um dia em noite escura:

centenário de Agostinho Neto

(1922-2022)

Organização de Francisco Topa



Porto

Design gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN
978-989-53997-2-7

Porto • 2024

Índice

<i>A importância dos centenários</i>	5
O princípio esperança: poesia e sobrevivência em Agostinho Neto Roberto VECCHI	9
Como Agostinho Neto antecipou Frantz Fanon: A renúncia impossível de ser negro – Tributo / nova abordagem do intelectual Pires LARANJEIRA	19
A poesia de Agostinho Neto na Espanha e outros anexos Xosé Lois GARCÍA	45
Agostinho Neto e o apelo do espaço Nazir Ahmed CAN	51
A mulher na poesia de Agostinho Neto Ana RIBEIRO	67
Entre sombra e luz: o retrato de uma vida precária em “Quitandeira” de Agostinho Neto Luigia DE CRESCENZO	79
Sol e sombra, luz e luzes na poesia de Agostinho Neto Francisco TOPA	89

A mulher na poesia de Agostinho Neto

Ana Ribeiro

U. Minho

anar@elach.uminho.pt

Resumo: Em composições que lhe conferem um lugar de destaque ou em poemas que representam um amplo painel social, a mulher surge frequentemente em *Sagrada esperança*, *Renúncia impossível* e *Amanhecer*, de Agostinho Neto. A figuração do feminino na obra do primeiro presidente de Angola é indissociável do seu projeto literário, estando ao serviço da denúncia dos dramas vividos pelo colonizado, condição que se sobrepõe a qualquer outra. Apesar de na poesia de Neto predominar o retrato da mulher como mãe e esposa sofrida, não deixa de se sugerir a sua participação na luta armada, tornando patente o seu contributo direto para a conquista da independência e para construção da nação.

Palavras-chave: Agostinho Neto; mulher; poesia

Abstract: Either in compositions that give her a prominent place or in poems that represent a broad social panel, the woman frequently appears in *Sagrada Esperança*, *Renúncia Impossível* and *Amanhecer*, by Agostinho Neto. The representation of the feminine in the work of the first president of Angola is inseparable from his literary project, being at the service of denouncing the dramas experienced by the colonized, a condition that overrides any other. Although in Neto's poetry the portrayal of women as long-suffering mothers and wives predominates, their participation in the armed struggle is suggested, making clear their direct contribution to the conquest of independence and the construction of the nation.

Keywords: Agostinho Neto; woman; poetry

A mulher, até pelo seu grande poder de insignificância, é muito menos vulnerável do que o homem.

Agustina Bessa-Luís

1. Introdução

No discurso da tomada de posse do cargo de presidente da assembleia geral da União de Escritores Angolanos, Agostinho Neto afirmou que “O povo e o meio ambiente estarão presentes em cada pensamento, em cada palavra

ou frase escrita, como a sombra coexiste com a luz, e a folha com a raiz” (NETO, 2012: 3) e que “A expressão[,] para ser válida, tem de ser resultado da vivência e da observação” (NETO, 2012: 4). Neste programa de ação apresentado em 1977, já após a independência, o então presidente da então República Popular de Angola retoma aspetos da sua conceção de literatura, da qual a poesia que em anos anteriores assinou é, evidentemente, devedora. Enquanto elemento da geração que lançou o desafio do “Vamos descobrir Angola!”, Neto praticava uma poesia interventiva de cariz marxista, cuja justificação e eficácia assentava nesta proximidade em relação à realidade representada, revestindo-se o testemunho das funções de afirmação identitária e de denúncia. Daí que, a propósito da natureza épica da poesia netiana, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (2012: 17) não deixem de sublinhar que “Os poemas de Neto, porém, não comportam mitos ou deuses, apenas pessoas comuns que integram a paisagem angolana, como a «Quitandeira» ou os figurantes do «Sábado nos musseques»”¹. Mesmo não sendo deuses nem seres de outro mundo, não deixam, no entanto, de se ir “da lei da morte libertando”, já que, como diz Inocência Mata (2012: 42), “Para reforçar a contaminação épica da escrita do período de definição do sistema literário, outro esquema foi o recurso à elaboração do imaginário cultural, a partir de índices retirados da natureza e da sociocultura (gentes, sinais de uma vivência quotidiana, do espaço físico e social) e transformados em símbolos”. Daqui resultavam “construções imagéticas da nação” (MATA, 2012: 42). Com elas “cantava-se a pátria” (MATA, 2012: 42).

Para completar este quadro em que a representação da mulher se processa na obra de Agostinho Neto, torna-se necessário acrescentar que ele resulta de um olhar masculino, pelo qual a mulher, à semelhança do que então sucedia noutras geografias literárias devido a circunstâncias várias e bem conhecidas, é objeto e não sujeito do discurso que sobre si circula.

2. Uma presença constante

Referindo-se exclusivamente a *Sagrada esperança*, José Luís Mendonça (2012: 26-27) declara que “Em todo o livro, a criança e a mulher estão pre-

¹ Pierrette CHALENDAR e Gérard CHALENDAR (1989: 160) consideram igualmente que “Neto rompe com a poesia tradicional ao tomar como objecto os africanos e não já África”.

sentes, como os dois primeiros destinatários de justiça social”. Embora a presença feminina seja de facto inquestionável e mais expressiva nesta obra, ela verifica-se também em *Renúncia impossível* e *Amanhecer*, podendo por isso afirmar-se que essa presença é extensiva a toda a obra poética de Neto. Refira-se a propósito que, embora com particularidades que adiante trataremos, o poema mais antigo segundo a datação que se conhece, “Partida para o contrato” (1945), centra-se numa figura feminina. Por outro lado, “Sobre o sangue ainda quente de meu irmão”, o poema de data mais recente (1972), colocado no final de *Amanhecer*, não deixa também de evocar “o sangue ainda quente da minha irmã / Assassinada pelos carrascos” (NETO, 2016: 166). Verifica-se, portanto, que, não só a presença feminina na poesia netiana não é esporádica, mas também que ela dá conta, como veremos, do impacto do conflito armado na evolução da situação da mulher angolana.

No interior de cada volume, a presença feminina não detém a mesma representatividade em todos os poemas: o protagonismo no já mencionado “Partida para o contrato” ou em “Meia-noite na quitanda” contrasta com as referências pontuais à mulher em “Crueldade” ou “Desfile de sombras”, por exemplo. No papel de figurante, não deixa, contudo, de atualizar aspetos da condição feminina de meados do século XX em Angola.

3. Amor em tempos de cólera

Em ocorrências desenvolvidas ou episódicas, é indiscutível, como se verá, a intenção social e política a que as figuras femininas respondem. Porém, elas surgem também em poemas de temática amorosa, como “Docemente”, poema incluído em *Amanhecer* (2016: 158), datado de 1951:

Um ser de andar leve sorriu
Sorriu para mim
Sorriu para o meu mundo
E todas as portas do optimismo se abriram
Nesse doce sorriso de amor.

Neste poema breve, a descrição da mulher oferecida nesta estrofe dispensa os atributos físicos e reduz-se aos elementos que fazem dela um ser especial, quase etéreo, cuja delicadeza e simpatia têm, contrastivamente, efeitos

surpreendentes ao revolucionar o mundo do sujeito lírico, colocando a esperança no seu horizonte. Esta mulher detém assim um poder que transforma a vida do “eu” lírico, bem diferente do ser messiânico de “Adeus à hora da largada”. Graças a este encontro, a solidão dá lugar à união e a um projeto comum:

Duas mãos se apertaram confiantes
Dois caminhos fundidos
Um Desejo em dois desejos
E todo o Universo se condensou
No sentir das mãos unidas em amor.

Docemente o sol nasceu
Docemente o amor brilhou
E o mundo
Se tornou também o nosso mundo. (NETO, 2016: 158)

A articulação da temática amorosa com questões sociais e políticas, ténue, segundo nos parece, nesta composição, é mais clara noutros poemas. Veja-se, a propósito, “Circunstância”, poema datado de 1952 que integra *Renúncia impossível* (2016:140):

Sobre a ânsia de pão
derramada na vermelhidão ardente da areia
dos muceques

Sobre a certeza firme
da força
no olhar choroso da criança negra

Sobre a inutilidade da hora
do mundo parado
suspenso ante o sonho

A tua ausência Amor
a tua ausência caindo em mim
suave e dolorosa
distinta e múltipla

como lá fora os bagos da chuva
sobre o enlameado do chão.

Numa associação entre o individual e o coletivo, o sofrimento amoroso agudiza a dor do líder encarcerado², impedido de pôr fim ao infortúnio dos seus irmãos.

Também em *Sagrada esperança*, concluem Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (2012: 17), a respeito dos poemas dedicados a Maria Eugénia Neto quando o escritor se encontrava na prisão, “a poesia amorosa de Neto não deixa nunca de ser também política”, à semelhança do que sucede, segundo os mesmos investigadores, na poesia do turco Nazim Hikmet, mencionado por Neto em “Aqui no cárcere”. Neste contexto, e de acordo com um estudo sobre o poeta turco que citam, “la donna è una donna, un essere umano completo, un amico e un compagno di lotta oltre che un’amante, non solo imagine, oggetto o stimolo” (*apud* PIRES LARANJEIRA, ROCHA, 2012: 17). Os versos finais de “Dois anos de distância” (NETO, 2016: 99), escrito na Cadeia do Porto em 1957, confirmam isto mesmo:

cresce com mais justiça ainda
a ânsia de sermos
com os nossos povos
hoje sempre e cada vez mais
livres livres livres.

“Partida para o contrato” (NETO, 2016: 27) é outro poema onde amor e política convivem. De facto, para além da prisão, outros fatores se podiam intrometer entre os amantes, como é o caso do contrato, estratégia legalizado pelo mesmo sistema que negava a liberdade a Neto e que, para além da exploração, transformava o contratado numa espécie de recluso. Nesta poesia, que inverte a situação dos poemas há pouco convocados, é através da mulher que é feita a denúncia da desumanidade desta situação. O texto, com uma estrutura fílmica e narrativa, abre com um *zoom* sobre o seu rosto, única parte referida do seu corpo, o qual apenas interessa como espelho do que se passa no seu interior, designadamente o grande sofrimento que a domina,

² Foi em 1952 que Neto foi preso pela primeira vez.

resultante da partida do amado para S. Tomé. De natureza gradativa, o poema termina com a sugestão da sua anulação. Confinada ao papel de amante, a sua vida perde razão de ser com a separação do seu ente querido (“Não há luz / não há norte na alma da mulher”), cujo regresso, de acordo com as manipulações do contrato, é uma incógnita. Engolida pelo negrume interior e exterior (“Negrura / Só negrura...” são os versos finais), esta mulher é um ser passivo, bem diferente da dedicatária dos poemas amorosos de Neto, companheira de sofrimento, mas também de luta.

4. A mulher e a urbe

Para além de “Partida para o contrato”, a poesia de Agostinho Neto inclui outros poemas centrados em figuras femininas, designadamente, “Quitandeira”, “Meia-noite na quitanda” (ambos não datados e pertencentes a *Sagrada esperança*), “Kalumba” e “Vendedeira de ananases”, sem data, mas incluídos em *Renúncia impossível*. Excetuando “Kalumba”, as mulheres encarnam personagens do imaginário urbano particularmente ligadas ao comércio, sobretudo ambulante, forma de sobrevivência possível para seres em geral analfabetos³. As quitadeiras, recorrentes na poesia de Neto e de outros poetas da sua geração⁴, participam das tais “construções imagéticas da nação” de que fala Inocência Mata. Estas figuras femininas anónimas, identificadas pela profissão que exercem – a única exceção é Sá Domingas em “Meia-noite na quitanda” –, são particularizações daqueles que nunca conheceram senão a “tortura / da vida sem vida” (NETO, 2016: 38), palavras que fazem parte do dramático monólogo da quitadeira do poema homónimo, mulher que a vida afastou de si mesma e que, com o desespero de alguém a quem

³ Como afirma Inocência Mata (2007: 421), “as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classe e socioculturais quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África”.

⁴ Na obra do primeiro presidente angolano, para além dos títulos acima indicados, a quitadeira é também evocada em “Poema” (NETO, 2016: 87): “Sim! / às solicitações místicas à musculatura dos membros / ao quente das fogueiras endeusadas / na lenha das sanzalas / às expressões magníficas das faces / esculpidas no alegre sofrimento das quitadeiras / e no ritmo febril das sensações tropicais”. António Cardoso em “Oferta”, Viriato da Cruz em “Makézu”, António Jacinto em “Poema da alienação” e “O grande desafio” e Luandino na “Canção de Luanda” são alguns dos contemporâneos de Neto atentos a esta personagem do quotidiano luandense.

tudo foi tirado, tenta reencontrar-se através daquilo que a anula (“Talvez vendendo-me / eu me possua” (NETO, 2016: 40)).

Em “Vendedeira de ananases”, a mulher é objeto do olhar atento do “eu” lírico, que faz dela sua interlocutora, embora nunca a escutemos. Repetidamente ele afirma “Gosto dos teus olhos” (NETO, 2016: 139), pois, enquanto espelho da alma, são eles que expressam a sua vida sofrida, mas é também neles que o sujeito poético encontra “o caminho do ressurgimento” (NETO, 2016: 139), como se o sofrimento já tivesse atingido um grau tão elevado que só poderia parar ou fosse imperioso acabar com tal “calvário” (NETO, 2016: 139). É na própria vendedeira que o “eu” poético vai encontrar o caminho para a renovação: “Olha-me quitandeira de ananases / eu quero descobrir a Vida” (NETO, 2016: 139)⁵. Para além da associação entre mulher e Vida – e aqui a maiúscula é relevante, pois trata-se da vida na sua manifestação plena, oposto do que se depreende ser a vida amortalhada destes seres – neste dístico, a situação da mulher surge como manifestação máxima de uma situação que exige reparação, a tal justiça social de que fala José Luís Mendonça. Seres subalternizados e espoliados pelo poder colonial, estas mulheres fazem parte do grupo dos desfavorecidos, do lado dos quais o sujeito lírico se coloca.

Quanto a “Kalumba”, apresenta-nos uma situação bem diferente. Este poema relata a vinda da “linda filha dum soba da Lunda” (NETO, 2016: 136) para Luanda. A sua beleza, nunca descrita em pormenor, conquistou o “coração de muitos homens” (NETO, 2016: 136). No entanto, “os seus olhos confusos / descobriram na cidade / um mundo diferente / onde a sua alma era aferrolhada / nos navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar/ Kalunga! Morte // Aquela cidade era um mar / era a sua morte” (NETO, 2016: 136). Esta percepção da cidade leva-a a deixar este espaço. Embora parecendo tratar-se de um caso mais individualizado do que os tratados nos poemas anteriormente analisados, apesar de mais uma vez estarmos perante uma mulher anónima, nem por isso o carácter político e de intervenção deste poema é menor. Desde logo, a evocação dos “navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar” permite recuperar a (má) memória do tráfico negreiro e o abandono forçado do mundo original que ele implicava. É nela que

⁵ Em “Adeus à hora da largada”, o sujeito lírico exprime esta mesma ânsia de vida na última estrofe do poema.

assenta a metáfora da cidade como mar, apresentando-a como um espaço letal. A urbe, especialmente a capital, onde o impacto da colonização é maior, ameaça a identidade própria de cada um, a sua liberdade, enfim, a sua vida. Os poemas sobre as quitadeiras em que acima nos detivemos parecem confirmá-lo. Certamente pelo seu estatuto, ao contrário das vendedeiras, a filha do soba, com margem de escolha e poder de decisão sobre si, recusa a alienação. Não será por acaso que este é o único poema de Neto cujo título é uma palavra em quimbundo, que este termo significa “menina” e que ele está fonicamente próximo de Kalunga, o outro vocábulo quimbundo presente no poema: Kalumba, a jovem mulher, símbolo de vida, escapa a Kalunga, a morte, representada pela cidade colonizada. A filha do soba parece resistir à dupla colonização que afetava a mulher negra em tempos coloniais, situação para a qual talvez não seja insignificante a sua ligação a uma figura do poder local, remetendo assim para a existência de uma hierarquia e de desigualdades sociais, também entre mulheres africanas.

5. Uma de muitos

Para além de composições centradas em vultos femininos, mas nem por isso de teor individual ou pessoal, a mulher na obra de Agostinho Neto integra representações do coletivo como a que se encontra em “Sábado nos musseques”. Este texto apresenta-a como mãe e esposa: “[Ansiedade] na mulher / que pede drogas ao feiticeiro / para conservar o marido // na mãe / que pergunta ao adivinho / se a filhinha se salvará / da pneumonia” (NETO, 2016: 32). Numa situação ou noutra, as apreensões femininas têm subjacente as condições sociais e económicas em que vive, servindo para as denunciar. Se a pobreza faz temer pela vida da filha, numa outra passagem é a situação política que ameaça os filhos: “Ansiedade / nas mães aos gritos / à procura de filhos desaparecidos” (NETO, 2016: 32).

A condição de mãe sofrida é também comum à quitadeira que vende laranjas e que lamenta: “E aí vão as minhas esperanças / como foi o sangue dos meus filhos / amassado no pó das estradas / enterrado nas roças” (NETO, 2016: 39). O mesmo se pode dizer a respeito de Sá Domingas; ela “vende na quitanda à meia-noite / que o filho / está na estrada / precisa de cem mil réis / para pagar o imposto” (NETO, 2016: 42). Estas diversas ocorrências de figuras maternas levam Fátima Sampaio Fernandes (2021) e Pierrette Chalendar

e Gérard Chalendar (1989: 159-160) a considerar que é neste papel que a mulher na poesia netiana se destaca.

A representação da nação como mãe, uma outra manifestação da Mãe África pan-africanista e negritudinista, contribui igualmente para o relevo que a mulher enquanto figura materna detém nos três títulos de Neto, surgindo, também, por exemplo, em “Adeus à hora da largada”, “Havemos de voltar” e “Ópio”.

Enquanto esposa, a mulher não tem uma vida menos angustiada: ela luta, como vimos há pouco, para conservar o marido e sofre ante a possibilidade de o perder para o que nos parece ser a prisão: “e cada mulher / suspirará de alívio / quando o seu homem entrar em casa” (NETO, 2016: 29). As más condições de vida conduzem ao conflito doméstico, o qual, no entanto, parece não durar muito:

Ansiedade
nas mulheres
que abandonaram os homens
para ouvir
a vizinha aos gritos
ralhando contra a pobreza do marido

Ouvem-se
choros histéricos
ruído de cadeiras caídas
respiраções ofegantes
tilintar doloroso
de louça de ferro esmaltado
e a multidão invade a casa
os desavindos expulsam-na
e depois vem a reconciliação
com risinhos de prazer (NETO, 2016: 30).

Compõem este quadro referências pontuais às “mulheres que passam embriagadas” (NETO, 2016: 32) – o álcool é também uma das fugas experimentadas pela quitandeira – e, em “Um aniversário” (NETO, 2016: 61) (“Fora do lar / um ex-virtuoso amigo que se embriaga / os nossos exportados para S. Tomé / a prostituição / a angústia geral / a vergonha”) ou, em “À reconquis-

ta” (Neto, 2016: 69) (“através da fome da prostituição das cubatas”), à prostituição.

Nos seus empregos, as mulheres não têm uma vida menos exigente. A sua esfera de ação mantém-se sobretudo no domínio da domesticidade. Elas são as amas dos “filhos sífilíticos” (NETO, 2016: 145) dos brancos, uma outra manifestação da sua ação como figura materna, e vítimas de exploração sexual: “não contem com amas / para amamentar os vossos filhos sífilíticos [...] nem com corpos de mulheres / para vos alimentar de prazeres / nos ócios da vossa abundância imoral” (NETO, 2016: 145). Elas são também lavadeiras (NETO, 2016: 68).

Presas num quotidiano exigente e com pouca ou nenhuma instrução, a ação política parece, até certo ponto, não ser assunto feminino. Como antes vimos, em “Sábado nos musseques”, são os filhos e os maridos que podem ser inesperada e injustificadamente aprisionados. De facto, na poesia de Agostinho Neto, a mulher sofre com as ameaças que pairam sobre a sua família, chora os mortos (NETO, 2016: 36), mas não é vítima direta de atividades repressoras. No entanto, também ela vem a ser “amordaçada” (NETO, 2016: 71) e “Assassinada pelos carrascos” (NETO, 2016: 166). Esta última referência ocorre num poema datado de 1972, já a guerra de libertação levava onze anos, cujo título, “Sobre o sangue ainda quente do meu irmão” é praticamente a reprodução do *incipit* do texto, o qual, por sua vez, no início da segunda estrofe, ressurgue como “Sobre o sangue ainda quente da minha irmã”. Se já os vocábulos “irmão” e “irmã” remetem para fraternidade e igualdade, a apresentação de ambos como vítimas mortais sugere que, em contexto bélico, a mulher angolana não se confina ao tradicional papel de mãe e esposa: transcende o espaço doméstico, torna-se guerr(ilh)eira e participa em pé de igualdade com o homem na conquista da independência da sua terra-Mãe e na construção da nação.

6. Conclusões

Em composições que lhe conferem um lugar de destaque ou em poemas que representam um amplo painel social, a mulher surge frequentemente na poesia que Agostinho Neto escreveu entre os finais dos anos 40 e os inícios da década de 70, sendo por isso a sua figuração indissociável de um contexto histórico-literário específico.

A maneira como o escritor-Presidente representa as mulheres na sua poesia é indissociável do seu projeto literário. Mesmo que por vezes o elemento feminino desempenhe o papel de parceira amorosa, a sua presença não está desligada de intuítos políticos. Nesta linha, não é por acaso que Neto privilegia nos seus textos mulheres que pertencem às camadas desfavorecidas da população, sobretudo em contexto urbano, como é o caso da quitandeira, elemento destacado do imaginário luandense. Em geral, a figuração feminina na obra poética de Agostinho Neto está ao serviço da denúncia dos dramas vividos pelo colonizado, condição que se sobrepõe a qualquer outra, designadamente à de ser mulher.

Na poesia netiana predomina o retrato da mulher como mãe e esposa sofrida. Mesmo no mundo do trabalho, a sua atuação desenvolve-se sobretudo no domínio da domesticidade. No entanto, sugerindo a influência da guerra de libertação na situação da mulher angolana – também ela, de alguma maneira, foi libertada –, refere-se a sua participação na luta armada, assinalando o seu contributo direto para a conquista da independência e para construção da nação. Agostinho Neto apresenta-nos, pois, uma mulher situada, bem diferente daquela que a literatura colonial e os seus derivados celebraram.

Bibliografia

- CHALENDAR, Pierrete; CHALENDAR, G. (1989). *Agostinho Neto ou a palavra reencontrada*. In *A voz igual. Ensaio sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 155-164.
- FERNANDES, Fátima Sampaio (2021). *Análise do papel da mulher na poesia de Agostinho Neto (1922-1979) à luz das teorias psicanalíticas*. «Njinga & Sepé: Revista internacional de culturas, línguas africanas e brasileiras». V. 1, n.º especial, 78-92.
- MATA, Inocência (2007). *Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença*. In MATA, Inocência, PADILHA; Laura Cavalcante, org. *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 421-440.
- MATA, Inocência (2012). *Reler os «clássicos»: a poesia de Agostinho Neto e os herdeiros do nacionalismo literário*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 41-49.

- MENDONÇA, José Luís (2012). «*Sagrada esperança*» de Agostinho Neto. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 25-29.
- NETO, Agostinho (2012 [1977]). *Discurso perante a União de Escritores Angolanos*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 3-4.
- NETO, Agostinho (2016). *Sagrada esperança. A renúncia impossível. Amanhecer*. Luanda: Fundação António Agostinho Neto.
- PIRES LARANJEIRA; ROCHA, Ana T. (2012). *Defesa e ilustração da poética de Agostinho Neto*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 15-24.